

**A RAZÃO E O OUTRO EM LÉVY-BRUHL: notas para estudo de um diálogo  
com a psicologia sócio-histórica de Vygotsky.**

Prof. Dr. Carlos Henrique de Souza Gerken  
FUNREI – Fundação de Ensino Superior de São João Del Rei/ MG

A compreensão do contexto dialógico no qual Vygotsky se localizou como leitor e pensador é uma tarefa imprescindível para a realização de uma avaliação do poder heurístico de seu modelo teórico, à qual têm se dedicado vários autores contemporâneos, entre os quais podem ser citados Cole (1997), Van Der Veer e Valsiner (1996), Wertsch (1985, 1988, 1991, 1995, 1996), Kozulin (1990), Nicolopoulou (1996), Pino (1999), Tulviste (1991), Knox (1996) e outros. Nicolopoulou (1996) chama atenção para a complexidade deste tipo de empresa considerando-se que Vygotsky foi um autor que trabalhou de forma sensível e criativa com um número muito extenso de fontes, além de não ter utilizado dos seus interlocutores para subscrever as suas teorias. Apesar de reconhecer esta complexidade, acreditamos ser fundamental a busca de referências que possam auxiliar na compreensão de sua teoria.

Neste sentido, interessa-nos resgatar alguns elementos essenciais das reflexões realizadas no campo da antropologia e da sociologia sobre os parâmetros teóricos de explicação da origem social das estruturas cognitivas de compreensão da realidade, estabelecendo relações de causalidade entre a organização da sociedade, a cultura e os processos cognitivos, demonstrando teoricamente o fundamento social e cultural do pensamento dito primitivo e moderno. Este problema ocupou tanto os evolucionistas ingleses como Spencer, Tylor e Frazer, como os representantes da escola francesa de sociologia, como Durkheim e Lévy-Bruhl, no final do século dezenove e início deste.

Neste texto, faremos um esforço de apresentar algumas idéias fundamentais da rica interlocução que se estabeleceu entre Vygotsky e Lévy-Bruhl. Parte-se do pressuposto de que a discussão da relação entre evolução da sociedade e transformação dos modos de representação e de compreensão do mundo, realizada no campo da antropologia, teve um profundo impacto na elaboração do modelo sócio-histórico, constituindo-se ora como fonte de inspiração, ora como campo de disputas, na construção de sua abordagem sobre o desenvolvimento do saber na humanidade. Nosso objetivo é pontuar algumas contribuições

de Lévy-Bruhl, que, apesar de não se reconhecer como um membro da mesma escola de Durkheim, elaborou uma rica discussão sobre a natureza da representação coletiva enquanto processo de mediação, além de postular a origem social dos processos simbólicos de apreensão da realidade<sup>1</sup>.

Embora Lévy-Bruhl seja um autor pouco conhecido entre nós e, de certa forma, esquecido no campo da antropologia, veremos que as suas formulações teóricas constituem contribuições que tiveram amplas repercussões na construção de uma teoria psicológica que propunha romper com uma abordagem idealista, metafísica e introspeccionista, que definia os principais contornos teóricos deste campo de conhecimento no momento de sua constituição, principalmente as repercussões de suas análises no desenvolvimento do modelo teórico da psicologia sócio-histórica de Vygotsky.

Ao mesmo tempo, procuraremos mostrar em que medida as suas formulações articulam-se com produções mais recentes na constituição do campo de estudo da oralidade<sup>2</sup>, particularmente, nos estudos de Havelock (1963, 1978, 1986, 1987); W. J. Ong (1982, 1986), em que os autores procuram constituir um novo campo de saber, na confluência da psicologia, da antropologia e da lingüística, com o objetivo de compreender os modos de funcionamento de culturas não tocadas pela escrita e as transformações provocadas pela sua conquista.

A problemática particular de Lévy-Bruhl é filosófica. Foi como filósofo que ele entrou para a antropologia, interessado particularmente no problema da lógica (Evans Pritchard, 1980, p.167). O episódio da entrada de Lévy-Bruhl para a antropologia é curioso e mostra como este autor era comprometido eticamente com a busca de um conhecimento que pudesse explicar o ser humano em sua complexidade.

---

<sup>1</sup> O confronto das perspectivas dos diferentes autores revela a existência de posições distintas a respeito da heterogeneidade do pensamento humano e da natureza de seu processo de evolução, que terão profundas conseqüências na compreensão dos limites dos saberes produzidos no interior de culturas ou grupos tradicionais, ágrafos, e de seu confronto com as sociedades e culturas modernas letradas, objetivo último da discussão travada no trabalho de doutoramento intitulado: "Linguagem, cognição e cultura: apontamentos para a elaboração de uma teoria sobre as relações entre a oralidade e a escrita", defendido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Educacional da PUC/ SP, no qual procuramos desenvolver esta reflexão mais ampla com a antropologia.

<sup>2</sup> Havelock afirma em seu texto *Prefácio a Platão* (1996) que "Os historiadores de pensamento grego primitivo não precisam aceitar todas as idéias de Lévy-Bruhl para provar a sua dívida para com ele" (p. 15). Olson (1997) reconhece a sua importância para o campo de estudos da oralidade e dedica a ele um segmento do capítulo que trabalha as contribuições da antropologia. Vygotsky (1996) utilizou como fundamento e

De acordo com Jahoda (1999), em 1900, Lévy-Bruhl havia sido convidado para ocupar a cátedra de “História da Filosofia” da Sorbonne. Neste período, aceitava genericamente o ponto de vista da chamada “Escola Inglesa dos evolucionistas sociais” Spencer, Tylor e Frazer, de que as diferenças psicológicas entre os grupos humanos deveriam ser explicadas em termos de níveis de estágios evolucionários, através dos quais todos os seres deveriam passar. De acordo com Tylor e Frazer o pensamento humano é sempre, e em todos os lugares, lógico e essencialmente racional, embora trabalhando “em uma condição mental de intensa e inveterada ignorância”<sup>3</sup> (Tylor, 1871, p.23 *apud* Jahoda, 1999, p.180. Tradução do autor).

Lévy-Bruhl tinha por volta dos cinquenta anos de idade, quando teve uma experiência que o levou a mudar sua visão sobre este campo de estudos e que o faria redirecionar os seus interesses de pesquisa para o resto de sua vida. A circunstância crítica pode ser resumida nos seguintes termos. Um amigo enviou-lhe uma tradução de um texto antigo de origem chinesa, que, apesar de seus esforços, não se sentiu apto a compreender. Foi a partir desta experiência que o filósofo teria iniciado as suas indagações a respeito da possibilidade de haver diferenças radicais no pensamento humano, questão que orientou as suas investigações até muito próximo de sua morte, em 1938.

Do ponto de vista teórico, a sua problemática é a mesma da antropologia como um todo: trata-se de articular o postulado da unidade humana com o fato da diversidade cultural. De acordo com Goldman (1994), Lévy-Bruhl teve duas possibilidades para o desenvolvimento de um pensamento original e próprio. O primeiro caminho seria colocado pela necessidade de dar à questão da moral um tratamento científico, afastando-se das concepções dominantes de “natureza humana”<sup>4</sup>. Este esforço exigiria a formulação de uma psicologia de base sociológica e etnográfica que pudesse se converter numa verdadeira antropologia científica. Por outro lado, o autor pretendia analisar o espírito humano a partir de uma ótica distinta da perspectiva adotada pelo introspeccionismo filosófico tradicional,

---

contraponto as análises desenvolvidas por Lévy-Bruhl para elaborar a sua teoria sobre o desenvolvimento histórico-social do homem.

<sup>3</sup> “...in a mental condition of intense and inveterate ignorance” ( Tylor, 1871, p.23 *apud* Jahoda, 1999, p.180).

<sup>4</sup> Esta foi a mesma inspiração de Durkheim no desenvolvimento de sua teoria sociológica. Em *As formas elementares da vida religiosa* (1899/1912), o autor se debruçou sobre o material etnográfico disponível em seu tempo para desvelar nas sociedades “ditas primitivas” os processos pelos quais o homem se constitui enquanto tal. Durkheim encontrará nas formas da vida religiosa o fundamento da vida simbólica do ser humano e de todo o processo de seu conhecimento do mundo.

que funcionou como teoria hegemônica no meio acadêmico durante a segunda metade do século dezenove e início do século vinte<sup>5</sup>.

O objeto de análise de Lévy-Bruhl é a investigação das leis de funcionamento das representações coletivas, que, do seu ponto de vista, possuem modos de funcionamento próprios, independentes “das leis da psicologia fundadas sobre a análise do sujeito individual” (Lévy-Bruhl, 1957/1910, p. 1). As representações coletivas podem ser reconhecidas por serem comuns aos indivíduos de um determinado grupo social, por serem transmitidas de geração em geração e por se imporem aos indivíduos e lhes provocarem, por exemplo, sentimentos de respeito, de crença, de adoração por seus objetos.

O fundamental desta definição é a tentativa de mostrar de que forma as representações coletivas, ao mesmo tempo, se articulam e se distinguem das representações construídas pelos indivíduos isoladamente. Aquelas possuem leis próprias, afirma Lévy-Bruhl. Não dependem dos indivíduos para existir. No entanto, não implicam na existência de um sujeito coletivo distinto dos indivíduos que compõem o grupo social. O exemplo dado por Lévy-Bruhl para nomear esta instância coletiva distinta do particular, do individual, é a língua. A língua não existe independente dos falantes, mas ao mesmo tempo é anterior a eles e se impõe a cada um como um universo possível, como uma estrutura que antecede e supera o nível particular, individual, no qual cada um localiza a sua fala.

As representações coletivas têm suas leis próprias, que não podem ser descobertas - principalmente se diz respeito aos primitivos – pelo estudo do indivíduo “branco, adulto e civilizado”. Ao contrário, é, sem dúvida, o estudo das representações coletivas e suas ligações nas sociedades inferiores que poderá lançar alguma luz sobre a gênese de nossas categorias e de nossos princípios lógicos (Lévy-Bruhl, 1951, p. 2 / 1ª edição 1910)<sup>6</sup>.

Neste texto “*Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*”, escrito em 1910, Lévy-Bruhl fará um esforço de estabelecer esta nova “etnopsicologia”, baseada na análise de documentos de caráter etnográfico provenientes das então chamadas “sociedades

---

<sup>5</sup> Michael Cole (1997), ao reintroduzir a questão da relação entre processos cognitivos e contextos sociais, chama atenção para a importância teórica do modelo desenvolvido por W. Wundt (1832-1920), no qual procurou resolver a dicotomia existente entre as abordagens materialistas e idealistas, combinando estudos de laboratório rigorosamente construídos com base na introspecção e pesquisa dos mitos, dos ritos e da linguagem dos povos considerados primitivos.

<sup>6</sup> Les représentations collectives ont leurs lois propres, qui ne peuvent se découvrir - surtout s'il s'agit de primitifs - par l'étude de l'individu “blanc, adulte et civilisé”. Au contraire, c'est sans doute l'étude des

inferiores.” As razões metodológicas para a realização deste empreendimento teórico estavam na necessidade de levar em conta o caráter sociológico das chamadas “funções mentais superiores”. A questão colocada para Lévy-Bruhl pode ser resumida nos seguintes termos: como construir uma psicologia objetiva que leve em consideração, ao mesmo tempo, as representações e os sentimentos, que não separe o indivíduo do meio social em que vive?

Lévy-Bruhl procurou se orientar pela célebre fórmula de Auguste Comte, que afirma no seu “Curso de filosofia positiva: “Il ne faut pas définir l’humanité par l’homme, au contraire, l’homme par l’humanité”. Do ponto de vista do criador da sociologia e da Filosofia Positiva, na vida mental do homem, tudo o que não pode ser explicado por uma simples reação à excitação do organismo é de natureza social. A tomada de posição teórica de Comte em relação à impossibilidade de se pensar numa instância psíquica independente das dimensões biológicas e sociais, constituía, no período, um dos grandes marcos epistemológicos para a criação dos saberes sobre o homem e um verdadeiro obstáculo epistemológico para se pensar numa “ciência do psiquismo” independente das determinações assinaladas.

A resposta para esta questão exigia tomar como objeto de análise os fenômenos que acontecem, de forma pura, “nesses verdadeiros laboratórios” naturalmente oferecidos pelas sociedades primitivas”. A proposta desta ciência objetiva do psiquismo humano era estabelecer os princípios diretores da “mentalidade primitiva”, ou seja, determinar as leis mais gerais a que obedecem as representações coletivas nas “sociedades inferiores”, para poder explicar, por diferenciação, o funcionamento de nossas próprias categorias e os nossos princípios lógicos de apreensão da realidade<sup>7</sup>.

Seriam os modos de compreensão dos povos primitivos idênticos aos modos de apreensão da realidade, características das sociedades modernas ocidentais? Se a resposta a

---

representations collectives et de leurs liaisons dans les sociétés inférieures qui pourra jeter quelque lumière sur la genèse de nos catégories et de nos principes logiques (Lévy-Bruhl, 1951, p.2 / 1ª edição 1910)

<sup>7</sup> Gustav Jahoda (1999) afirma que idealmente o objetivo de Lévy-Bruhl era desenvolver uma tipologia de uma multiplicidade de mentalidades. Como esta tarefa seria praticamente impossível de ser realizada com os dados etnográficos disponíveis do período, Lévy-Bruhl teria se concentrado na elaboração da dicotomia entre “mentalidade primitiva” e a “mentalidade moderna” (p.180). Jahoda adverte, ainda, que como seus esforços foram compreendidos como uma tentativa de elaborar o quadro de dois tipos humanos completamente distintos, é preciso afirmar que esta não foi nunca a sua intenção. Ele compreendia bem que o homem primitivo em sua vida cotidiana era tão competente quanto o homem ocidental em lidar com o seu meio ambiente, seu trabalho não dizia respeito a este problema mas se dirigia à representação mental do mundo.

esta questão privilegia a identidade dos processos como o faz a antropologia inglesa<sup>8</sup>, então como explicar o fato destas sociedades terem permanecido em graus primários de domínio tecnológico e societário? Se a resposta privilegia a diferença, como o faz Lévy-Bruhl, como explicar o processo de evolução que terminou por caracterizar o pensamento lógico dominante no ocidente?

O interesse e a maior contradição do pensamento do antropólogo francês está no cerne de suas formulações a respeito do pensamento dito “primitivo”. A pretensão de apreender o modo pelo qual as representações se articulam no interior de uma mentalidade que, desde o início, é diferente do que prevalece para os “adultos, brancos e civilizados”<sup>9</sup>, toca diretamente no problema da lógica. Neste sentido, uma das soluções que se apresenta é considerar que este pensamento “na medida em que não é imediatamente acessível, compreensível e mesmo explicável para o homem europeu civilizado, não obedece exclusivamente às leis da lógica. Ora, supor que este pensamento não funciona de acordo com os princípios da lógica é, de um certo modo, renunciar à sua explicação. O exemplo dado por Lévy-Bruhl para demonstrar a inexistência dos princípios que governam a lógica aristotélica (princípio de identidade e de contradição), base de toda a lógica ocidental, é o dos índios brasileiros “Bororo”, que se “vangloriam de ser araras”, sem deixar, no entanto, de se “afirmarem homens” (Goldman, 1994, p. 196).

Neste sentido, a impossibilidade de compreensão do funcionamento desta mentalidade primitiva evidencia-se na medida em que o princípio da contradição e da identidade não são respeitados. Para os princípios que governam o pensamento racional, não é possível ser ao mesmo tempo A e B, sem entrarmos em contradição. Se existe uma modalidade de pensamento que não funciona dentro destes parâmetros, então, não é possível compreendê-lo, ou explicá-lo, porque não conhecemos outras formas de construção de explicações que possam ser legítimas fora do registro dos princípios mais ordinários do funcionamento do pensamento racional.

---

<sup>8</sup> H. Spencer e E. B. Tylor acreditavam, como mostramos anteriormente, que os mesmos princípios de associação mental que explicariam os modos de funcionamento da mente civilizada funcionariam independente do contexto social para todos os seres humanos.

<sup>9</sup> Em mais uma advertência, é necessário afirmar que Lévy-Bruhl nunca comparou o adulto primitivo com a criança, como a maioria de seus contemporâneos o faziam. Contudo a despeito de sua posição a respeito desta relação ser absolutamente clara, afirma, Jahoda, Vários psicólogos proeminentes do período usaram a teoria de Lévy-Bruhl para realizar esta aproximação entre a mente primitiva e a criança (Jahoda, 1999, p. 181)

A contradição evidencia-se, por outro lado, na medida em que Lévy-Bruhl anuncia a possibilidade de um diálogo com estas culturas a partir da análise do encontro entre a cultura européia e os povos de outros continentes. A compreensão da lógica de suas representações é antecipada, na medida em que “compreendemos a sua língua, fazemos negócios com eles, chegamos a interpretar suas instituições e suas crenças: há então, uma passagem possível, uma comunicação praticável entre essa mentalidade e a nossa (Lévy-Bruhl, 1951/1910)<sup>10</sup>.

Apesar das dificuldades inerentes a este empreendimento, das ambigüidades e contradições que cercavam a tarefa de explicar as diferenças utilizando-se de instrumentos lógicos da cultura ocidental, Lévy-Bruhl não renuncia à necessidade de formular leis que possam dar conta do universo formado por essas diferenças. Era preciso penetrar neste universo sob o risco de renunciar aos próprios recursos cognitivos de formulação do pensamento.

O que fica evidente é que o pensamento deste autor caracteriza-se por uma tensão entre uma concepção etnocêntrica e evolucionista, característica de todo o pensamento antropológico de seu tempo, com a busca de compreender o outro a partir de novos referenciais. Para cumprir com este objetivo teórico, formula um triângulo conceitual com o qual pretende nomear estas diferenças e apreender as leis de funcionamento da “mentalidade primitiva”, são eles: *O misticismo, o prelogismo e a participação*.

A mentalidade dos primitivos, sendo mística, é necessariamente também prelógica: isto quer dizer que, preocupada sobretudo com as propriedades e forças místicas dos objetos, seres, concebe a relação entre eles sob a lei de participação, sem se inquietar com contradições que um pensamento lógico não poderia mais tolerar (Lévy-Bruhl, 1910 *apud* Goldman, 1994, p. 200-201).

Para desvelar o funcionamento da mentalidade primitiva, Lévy-Bruhl ocupa-se do estudo das quatro funções básicas que caracterizam o processamento cognitivo, definido de forma universal, quais sejam: a memória, a abstração, a generalização e a classificação. A *memória* teria, neste tipo de sociedade, uma importância muito maior do que as outras funções. Seria basicamente concreta e atenderia a necessidades reais de reprodução da cultura, pois possibilitaria que as inúmeras sínteses substantivas recebidas da tradição social

---

<sup>10</sup> As datas indicadas referem-se respectivamente à data da edição utilizada como referência e data da primeira edição. Procuramos adotar este procedimento sempre que a indicação da primeira edição possa contribuir para

pudessem estar sempre presentes nas consciências individuais. A *abstração* seria uma operação substancialmente mística. Sua principal característica seria isolar os caracteres que constituem um ser, uma coisa, dedicando atenção exclusiva às suas dimensões místicas, que englobariam tudo aquilo que ultrapassa o alcance imediato dos sentidos, diferente da *abstração lógica*, que se ocuparia dos aspectos sensíveis dos objetos, dos seres. A *generalização* consistiria basicamente no resultado de um sentimento difuso de ligação entre as coisas, seres e homens, não no processo de elaboração puramente lógica de conceitos homogêneos que seria, para nós, o fundamento desta operação. A *classificação* seria também de caráter fundamentalmente místico, uma vez que consistiria apenas no resultado de abstrações e generalizações misticamente orientadas (Goldman, 1994, p. 207).

No exame dos seus conceitos teremos a oportunidade de identificar as matrizes conceituais que estão na base das principais formulações da psicologia sócio-histórica de Vygotsky<sup>11</sup>. Nesta direção, cabe apresentar o eixo fundamental do processo de construção do conhecimento proposto e discutir o sentido de alguns conceitos, sobretudo o conceito de prelogismo, que terminou por deixar sua marca na psicologia, como iremos demonstrar adiante.

Do ponto de vista epistemológico, Lévy-Bruhl se colocará frontalmente contrário ao sensualismo empirista. Herdeiro das concepções de Kant sobre a natureza do processo de construção do conhecimento, fundamenta o seu modelo numa interpretação do positivismo de Augusto Comte. Seguindo a tradição racionalista, concede ao “meio interno” um papel fundamental, ao considerar o espírito humano fundamentalmente ativo e não puro reflexo dos estímulos provenientes do mundo exterior. Entre as sensações captadas pelos sentidos e as percepções, integração mental desses estímulos, as representações coletivas funcionariam como mediadoras, que, filtrando, selecionando e organizando as sensações, constituiriam as percepções.

Os primitivos não percebem nada como nós. Do mesmo modo que o meio social em que vivem é diferente do nosso, e precisamente porque é diferente, o mundo exterior que percebem difere também daquele que

---

a compreensão da perspectiva histórica das idéias em discussão.

<sup>11</sup> Seria possível também estabelecer vinculações entre os conceitos de Lévy-Bruhl e a psicologia dialética de Wallon, em seus desdobramentos nas definições do pensamento sincrético, pré categorial, bem como das repercussões destas análises em Piaget, em suas definições sobre o pensamento pré-operatório. No entanto, por razões metodológicas, restringiremos a nossa análise às implicações de suas idéias no modelo da psicologia sócio-histórica de Vygotsky.



percebemos. Sem dúvida possuem os mesmos sentidos que nós (...) e a mesma estrutura do aparelho cerebral. Mas é preciso levar em conta aquilo que as representações coletivas fazem entrar em cada uma de suas percepções (Lévy-Bruhl, 1957/1910, p.37)<sup>12</sup>...Os objetos familiares são reconhecidos de acordo com as experiências anteriores, em suma, todos os processos fiso-psicológicos da percepção funcionam neles como nós. Mas seu produto é logo envolvido em um estado de consciência complexo, onde dominam as representações coletivas. Os primitivos vêem com os mesmos olhos que nós: não percebem com o mesmo espírito (Lévy-Bruhl, 1957/1910, p. 38 ).

O texto acima transcrito deixa bastante claro a idéia de mediação com a qual opera Lévy-Bruhl. Por outro lado, é importante ressaltar que o autor afasta-se das idéias, também dominantes em seu tempo, de que os povos “ditos primitivos” não teriam à sua disposição o mesmo aparato orgânico, as mesmas habilidades perceptuais, as mesmas características anatômicas e funcionais dos povos europeus civilizados. Neste campo, a aplicação direta da teoria da evolução sugeria uma série de desvantagens para os povos cujas raças eram diferentes e para sociedades que não dominavam a escrita, como a maioria dos grupos de sociedades tradicionais estudados.

Um dos principais problemas enfrentados por Lévy-Bruhl é explicar o que ele chama de “Leis do funcionamento psíquico” que governariam as representações coletivas construídas pelos chamados “povos primitivos”, que seriam parte da origem das nossas próprias construções lógicas. Neste ponto é que se pode esclarecer os sentidos dados por Lévy-Bruhl ao conceito de prelogismo e ao papel por ele atribuído à linguagem e aos símbolos, questões que nos interessam de perto, por se tratar da articulação entre a linguagem e as formas de compreensão do mundo.

Apesar de estar implícito no conceito de prelogismo a idéia de que os povos primitivos não seriam capazes de funcionar de acordo com os princípios da lógica ocidental, Lévy-

---

<sup>12</sup> les primitifs ne perçoivent rien comme nous. De même que le milieu social où ils vivent est différent du nôtre, et précisément parce qu'il est différent, le monde extérieur qu'ils perçoivent diffère aussi de celui que nous percevons. Sans doute, ils ont les mêmes sens que nous- plutôt moins affinés que les nôtres en général, en dépit du préjugé contraire - et la même structure de l'appareil cérébral. Mais il faut tenir compte de ce que les représentations collectives font entrer dans chacune de leurs perceptions. Quel que soit l'objet qui se présente à eux, il implique des propriétés mystiques qui en sont inséparables, et l'esprit du primitif ne les en sépare pas, en effect, quand il le perçoit. (Lévy-Bruhl, 1951/1910, p.37).  
(...) les objets familiers sont bien reconnus d'après les expériences antérieures, bref, tout le processus physio-psychologique de la perception a bien lieu chez lui comme chez nous. Mais le produit en est aussitôt enveloppé dans un état de conscience complexe, où dominant des représentations collectives. Les primitifs voient avec les mêmes yeux que nous: ils ne perçoivent pas avec le même esprit. (Lévy-Bruhl, 1957/1910, p.38).

Bruhl sustenta que este pensamento só é pré-lógico no sentido de que ele não teria sofrido o tratamento dado pelo indivíduo, porque, nas sociedades “ditas primitivas” a ordem coletiva impõe-se ao indivíduo, sem oferecer a ele condições de reflexividade. Neste contexto, as representações coletivas seriam “concretas, emocionais, vividas, sentidas, sintéticas, presas às imagens, em outras palavras, irracionais”<sup>13</sup>.

Por outro lado, haveria um predomínio da “ordem de indivíduo” nas sociedades diferenciadas ocidentais européias, que compartilhariam, por oposição, representações “abstratas, racionais, analíticas e conceituais”<sup>14</sup>. O que explica esta dicotomia é a construção de uma oposição entre a noção de “indivíduo” e de “coletivo”, que o mesmo autor pretendia superar. Submetidas ao tratamento do indivíduo, que seria, por definição, racional, as representações coletivas ganhariam outros contornos e superariam o seu caráter concreto e emocional que as definiria nas sociedades tradicionais.

Imersos num ambiente intelectual marcado pela idéia de evolução e de progresso, estes conceitos serão traduzidos, por um lado, como suportes para definir processos evolutivos do pensamento do homem. Por outro lado, serão apreendidos pela psicologia naquilo que interessam como suporte para a descrição de processos evolutivos individuais, e, no caso de Vygotsky, dos processos sócio-históricos. Neste sentido, o pensamento pré-lógico irá preceder evolutiva e temporalmente o pensamento lógico. O pensamento primitivo seria marcado pelo prelogismo, no sentido de ser incapaz de ultrapassar os limites dos “complexos”. Em Vygotsky esta operação aparece também na distinção elaborada entre o pensamento do senso comum e o pensamento científico. O primeiro seria pré-lógico, e o segundo, conquistado no interior da escola, seria caracterizado pela lógica e pela abstração. Observa-se que as propriedades heurísticas do conceito foram assumindo outras configurações dentro da psicologia. O caráter coletivo associado estreitamente ao conceito de prelogismo é colocado em segundo plano, em nome de uma perspectiva que retém a sua dimensão temporal e evolutiva.

---

<sup>13</sup> Estes mesmos termos são utilizados como modelo para descrever as sociedades orais não tocadas pela escrita, conforme, por exemplo, Goody (1963), Ong (1982).

<sup>14</sup> Os adjetivos descritos acima são, por oposição, relacionados com o uso da escrita, conforme os mesmos autores citados. O que se evidencia é que Lévy-Bruhl criou um modelo de interpretação da cultura e do pensamento dos povos ditos “primitivos” que foi apropriado contemporaneamente por teóricos interessados na constituição de uma relação de causalidade entre uso da linguagem oral e escrita e domínio de determinadas categorias lógicas de compreensão do mundo.

O pensamento primitivo pode operar com conceitos; estes na medida em que estão antecipadamente fixados, não podem, contudo, se oferecer plasticamente ao trabalho da lógica, não possuindo, portanto, a capacidade de se compor e decompor, nem de entrar como peças em um sistema hierárquico superior (Lévy-Bruhl, 1910 *apud* Goldman, 1994, p. 205).

O pensamento pré-lógico não quer dizer alógico ou antilógico. Pré-lógico, aplicado à mentalidade primitiva significa apenas que não faz qualquer esforço deliberado, como nós fazemos, para evitar contradições. Quando afirma que a “mentalidade primitiva” é pré-lógica, irremediavelmente não crítica, Lévy-Bruhl não está se referindo à capacidade ou incapacidade de raciocinar de um indivíduo, mas das categorias nas quais ele raciocina (Evans Pritchard, 1980, p. 171).

Se no texto ao qual nos referimos anteriormente, Lévy-Bruhl (1910), procura explicar o funcionamento interno das representações coletivas, em “*La mentalité primitive*” (1947/1922) volta-se para as definições mais ordinárias que caracterizariam o modo de vida destas sociedades, em outras palavras, busca uma descrição dos quadros e do conteúdo das experiências concretas, procurando mostrar neste nível mais descritivo, de que forma a experiência deste “outro” diferencia-se da “nossa experiência” (p. II).

Com este empreendimento, Lévy-Bruhl espera poder confirmar as suas análises mais abstratas realizadas no texto anterior. Importante ressaltar que os numerosos fatos descritos e analisados pelo autor são obtidos por descrições de viajantes e missionários que tiveram oportunidade de passar longos períodos de convivência com os grupos indígenas da América, ou com as tribos africanas, ou mesmo, entre os esquimós no pólo norte. Apesar dos detalhes das descrições, não se pode dizer que sejam fontes genuínas para o desenvolvimento da teoria, pois trata-se de observações empíricas realizadas por indivíduos sem treinamento especial tanto para o registro quanto para a construção teórica<sup>15</sup>.

Entre os fatos mais marcantes desta mentalidade analisados pelo autor figura a conhecida aversão pelo raciocínio discursivo (posteriormente também relatada por Luria em sua expedição à Ásia central), que não será identificada com uma incapacidade radical, ou uma impossibilidade natural de seu entendimento, “mas que ela se explicava primeiramente pelo conjunto dos seus hábitos do espírito” (Lévy-Bruhl, 1947/1922, p. 1).

---

<sup>15</sup> Durante muito tempo a antropologia limitou-se a trabalhar com dados desta natureza, até que se tornaram possíveis e mesmo imprescindíveis para o aumento do conhecimento a realização de pesquisas etnograficamente intencionalmente construídas. O que só se realizou com os trabalhos de Malinowski durante o período da primeira guerra mundial, só publicados na década de trinta.

Apesar de mostrar uma comum falta de interesse e de habilidade em refletir, as descrições parecem identificar outras características fundamentais destes hábitos mentais distintos dos hábitos do ocidente. Esta falta é compensada por uma excelente capacidade de memorizar. Os missionários admiram-se com a capacidade demonstrada de repetir os sermões palavra por palavra, e, no entanto, parecerem não entender as suas mensagens, os seus conteúdos (op. Cit., p.7).

Outra questão que nos interessa de perto é o tratamento dado pelo autor ao problema dos símbolos nas sociedades primitivas. Este tema será tratado na *Análise da experiência mística*, texto de 1938. A função dos símbolos seria “transportar uma experiência intangível, embora sentida como real, para o domínio da sensibilidade” (Lévy-Bruhl, 1938, *apud* Goldman, 1994, p. 273). Tendo esta função na sociedade, os símbolos não poderiam desempenhar o papel de simples representantes convencionais de uma realidade que lhes seria exterior; mas seriam, antes de tudo, uma verdadeira dimensão desta mesma realidade. Uma dimensão constitutiva desta, diferindo dela apenas no sentido em que se oferecem à sensibilidade<sup>16</sup>.

Os autores são unânimes ao atribuir a Lévy-Bruhl uma qualidade rara nos cientistas de seu tempo. A seriedade com a qual pretendia enfrentar a questão da compreensão científica da diferença humana. A radicalidade com a qual enfrenta este desafio o faz abandonar em seus últimos escritos: “todo o seu esquema de análise. Em suas cartas, *Les carnets de Lucien Lévy-Bruhl* (1949), que só se tornaram conhecidas depois de sua morte, o autor renuncia ao tripé conceitual que ligava a noção de “prelogismo”, de “misticismo” e “participação”.

Lévy-Bruhl rejeita o termo “pré-lógico e reconhece a sua impropriedade para revelar as características centrais do fenômeno que pretende nomear. Renuncia ao conceito de participação sob a forma de lei (Leenhardt,1949, Lévy-Bruhl,1949, p. 8-9). Mas anuncia que na vida dos primitivos há uma predominância dos *elementos afetivos* na construção de suas referências próprias. Não se trata, pois, de uma incapacidade de formular conceitos

---

<sup>16</sup> As relações entre o esquema de análise proposto por Lévy-Bruhl e W. J. Ong, neste ponto, são diretas. Uma das principais características que Ong confere ao papel da linguagem oral nas sociedades de “oralidade primária”, será, como veremos adiante, que nas culturas tipicamente orais, a linguagem não funcionaria como um representante da realidade, mas seria parte da própria realidade, e estaria associada a alguma forma de poder. Por exemplo, o nome de um determinado animal evocaria a força deste no momento em que fosse pronunciado. Ver Ong (1982, cap. 3 p. 31 a 33, “*Sounded word as power and action*”).

mas de compreender que nas circunstâncias dadas, a formulação está implicitamente marcada pela emoção, de tal forma que não se pode falar de uma representação cognitiva e de um sentimento separados, mas de um complexo que funde estes dois elementos imediatamente na vida e na visão de mundo formulada por estes sujeitos. É o caso da dualidade-unidade entre o espírito e o cadáver, e o caso da bi-presença, admitida, sem prejuízos, por muitos povos africanos (Carnets, 1938, p.10). O complexo que envolve a consciência do primitivo seria essencialmente afetivo.

Importante ressaltar que nos últimos escritos a reformulação conceitual é radical. Lévy-Bruhl renuncia a hipótese da diferença afirmando que a estrutura lógica do espírito humano é a mesma em todas as sociedades humanas conhecidas, do mesmo modo que todas elas possuem uma língua, costumes, instituições (*Les Carnets*, 1949, p.63). No entanto, é preciso reter os fatos nomeados e incontestáveis de que a mentalidade primitiva possui hábitos mentais que diferem dos nossos, como, por exemplo, uma menor exigência lógica.

Do ponto de vista estritamente lógico nenhuma diferença essencial é constatada entre a mentalidade primitiva e a nossa. Em tudo que diz respeito à experiência corrente ordinária, transações de todas as sortes, vida política, econômica, uso da numeração, etc., eles se comportam de uma maneira que implica o mesmo uso de suas faculdades que nós fazemos da nossa.<sup>17</sup>

Apesar de reconhecer esta identidade, o autor ainda admite haver complicações a serem resolvidas quando se trata da experiência mística, e que nós não podemos esquecer que as duas modalidades de experiências se apresentam raramente separadas uma da outra. Para uma compreensão mais profunda do pensamento deste autor é importante pensar que esta conclusão só foi formulada depois do exercício permanente de colocar em destaque as diferenças de ponto de partida. Será este o ponto que fará da teoria de Lévy-Bruhl uma “boa idéia para se pensar” para Vygotsky?

Importante ressaltar que entre as idéias fundamentais que serão importantes para o ponto de partida no diálogo com Vygotsky é o reconhecimento da heterogeneidade entre o primitivo e o civilizado, ponto de partida de Lévy-Bruhl negado no final de sua obra. E, em segundo lugar, a idéia da mediação das representações coletivas, que oferecem a Vygotsky

---

<sup>17</sup> Du point de vue strictement logique aucune différence essentielle n'est constatée entre la mentalité primitive et la nôtre. Dans tout ce qui touche à l'expérience courante ordinaire, transactions de toutes les sortes, vie politique, économique, usage de la numération, etc., ils se comportent d'une façon que implique le même usage de leurs facultés que nous faisons des nôtres. (Carnets, 1949/1938, p.70)

uma referência para pensar nas leis de construção das funções psíquicas superiores, ponto central de sua obra.

As considerações feitas acima nos permitem afirmar que Durkheim e Lévy-Bruhl serão importantes na construção da abordagem da evolução do pensamento verbal. Durkheim será fundamental para deixar claro a natureza social dos processos de construção das categorias lógicas que permitem ao ser humano compreender o mundo. Lévy-Bruhl será uma das principais referências<sup>18</sup> para compreender o processo de evolução do pensamento humano, na medida em que foi, segundo Vygotsky, um dos autores mais sensíveis para detectar e propor um modelo de leitura para compreender e explicar as diferenças existentes entre o pensamento dito primitivo e pensamento europeu ocidental. Sua produção deixa profundas marcas na teoria sócio-histórica, na definição dos processos de evolução do pensamento verbal (Van der Veer, 1996, p. 248).

Entre os seguidores mais importantes de Durkheim e de Lévy-Bruhl na psicologia francesa destaca-se Pierre Janet (1859-1947). Apesar da importância deste autor na obra de Vygotsky não ter sido suficientemente estudada e de Vygotsky citar pouco seus trabalhos, suas idéias podem ser consideradas centrais para a elaboração da teoria sócio-histórica. Janet formulou o que se tornou conhecido como “Lei fundamental da Psicologia”, segundo a qual, ao longo do desenvolvimento, a criança começa a aplicar a si mesma as formas de comportamento que anteriormente lhe foram aplicadas (Vygotsky, *Obras Escogidas*, 1993, Tomo, III, p.146). Em outros termos, formulou a lei geral que define a origem social da vida psíquica, que afirma que tudo que faz parte do psiquismo humano, anteriormente fez parte das relações sociais nas quais o sujeito está inserido. Propôs, seguindo Durkheim, que as formas complexas da memória, assim como as idéias de espaço, tempo e número, tinham sua fonte na história concreta da sociedade e não eram, como acreditava a psicologia idealista, categorias intrínsecas à mente (Luria, 1992, p.63).

---

<sup>18</sup> Vygotsky refere-se a Lévy-Bruhl no seu texto “*História del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*” como “um dos mais profundos investigadores do pensamento primitivo. (Vygotsky, *Obras Escogidas* Tomo III, p. 34). Seu pensamento é citado extensamente ao longo dos textos mais importantes de Vygotsky, tanto para referendar procedimentos analíticos mais amplos na constituição da perspectiva genética (*Obras Escogidas* Tomo I), quanto como fontes de material empírico para fundamentação da análise sobre o pensamento primitivo, Tomo II, e III). Antes da pesquisa realizada por Luria no extremo oriente da União soviética, no início da década de trinta, os trabalhos de Lévy-Bruhl eram considerados os mais ricos em fontes sobre o pensamento primitivo, ao lado da *Völkerpsychologie* de Wundt e de Thurnwald.

Por todas estas estreitas articulações afirma-se que a releitura deste teórico relegado à segundo plano nas ciências sociais e praticamente desconhecido para a psicologia, constitui uma fonte inesgotável de intuições e interpretações de problemas que são constitutivos da nossa disciplina. Não podemos desconsiderar que Lévy-Bruhl acreditava estar desenvolvendo uma verdadeira *psicologia étnica*, de base científica, como oposição ao pensamento idealista que continuava como referência dominante na psicologia do período.

Esperamos com esta breve incursão no pensamento de Lévy-Bruhl ter demonstrado a importância de continuarmos pesquisando o contexto dialógico constitutivo da psicologia sócio-histórica de Vygotsky e de toda a psicologia. Como afirmamos no início deste trabalho, está para ser realizada a análise das interfaces entre o pensamento deste autor com a perspectiva piagetiana e walloniana.

Para terminar, podemos dizer que mesmo que venhamos a discordar de suas conclusões, como faz Tulviste (1991), devemos reconhecer a enorme dívida que a psicologia sócio-histórica tem para com este autor entre nós ainda desconhecido.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLE, Michael. *Cultural Psychology: a once and future discipline*. Cambridge, The Belknap Press of Harvard University Press, 1997, 2ª printing.
- DUKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *História do pensamento antropológico*. Lisboa, Perspectivas do homem, Edições 70, 1981.
- FRAZER, James. *O Ramo de Ouro*. Tradução de Antônio Monteiro Guimarães. Rio de Janeiro : Editora Guanabara Koogan, 1982.
- GOLDMAN, Márcio. *Razão e diferença: afetividade, racionalidade e relativismo no pensamento de Lévy-Bruhl*. Rio de Janeiro: UFRJ/GRYPHO, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Prefácio a Platão*. São Paulo: Papirus, 1996b.
- JAHODA, Gustav. *Images of Savages: ancient roots of modern prejudices in western cultures*. London and New York: Routledge, 1999. 1ª Edição.
- HAVELOCK, Eric. *Prefácio à Platão*. São Paulo, Papirus, 1996.
- KNOX, J. E. Prefácio. In: VYGOTSKY, L. S. & LURIA, A. R. *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996.
- KOZULIN, Alex . *Vygotsky psychology: a biography of ideas*. New York, London: Harvester Wheatsheaf, 1990.
- LÉVY-BRUHL, Lucien. *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*. Paris: Presses Universitaires de France; 9ª édition, 1951. (1ª édition, 1910)

- \_\_\_\_\_. *La mentalité Primitive*. Paris: Presses Universitaires de France, 14<sup>a</sup> édition, 1947. (1<sup>a</sup> édition, 1922)
- \_\_\_\_\_. *LES CARNETS de Lucien LÉVY-BRUHL*. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.
- LURIA, A. R. *A construção da mente*. São Paulo: Ícone, 1992.
- NICOLOPOULOU, Ageliki & WEINTRAUB, Jeff. On liberty, Cultural Relativism and Development: a commentary on Van der Veer's "The Concept of Culture in Vygotsky's Thinking". In: *Culture & Psychology* . n.º 3, Vol. 2, september, 1996, pp 273 – 285.
- \_\_\_\_\_. *Razão e Afetividade: o pensamento de L. Lévy-Brhul*, Campinas, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência/ CLE, UNICAMP, 1991
- ONG, Walter J. *Orality and literacy: the technologising of the word*. London and New York: Methuen, 1982.
- PINO, Angel. As categorias de público e privado na análise do processo de internalização. *Educação e Sociedade: revista quadrimestral de Ciências da Educação/ Centro de estudos de Educação e Sociedade (CEDES)*. Campinas: Papirus, Ano XIII, n. 42, p. 315-328, ago/1993.
- \_\_\_\_\_. O biológico e o cultural. In: Anais do Encontro sobre Teoria e Pesquisa em Ensino de Ciências: *Linguagem, cultura e cognição*; reflexões para o ensino de ciências; Belo horizonte, MG, 05 a 07 de março de 1997.
- \_\_\_\_\_. A psicologia concreta de Vigotski: implicações para a educação. Trabalho Encomendado Grupo de Psicologia da Educação. 22<sup>a</sup> REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 1999 (CD).
- SMOLKA, GÓES & PINO. The construction of the subject: a persistent question In: WERTSCH, J. V., DEL RIO, Pablo & ALVAREZ, Amélia (eds) *Sociocultural Studies of Mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- TULVISTE, Peter. *The cultural-historical development of verbal thinking*. (trad. de M. J. Hall); Commarck, NY: New science, 1991.
- VAN DER VEER, René. The concept of culture in Vygotsky's thinking. *Culture & Psychology*, London, n.º. 3, vol. 2, sept. 1996.
- VAN DER VEER, René. The Anthropological underpinning of Vygotsky thinking. *Studies in Soviet thought*. 42, 73-91.
- VAN DER VEER, R. & VALSINER, J. Lev. Vygotsky and Pierre Janet: on the origin of the concept of sociogenesis. *Developmental Review*. 8, 52-56, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Vygotsky Reader*. Blackwell, 1994.
- VAN DER VEER, R. & VALSINER, J. *Vygotsky: uma síntese*. Trad. Cecília C. Bartalotti, São paulo: Edições Loyola, 1996.
- VYGOTSKY, L. S. Problemas teóricos y metodológicos de la Psicología In: *Obras Escogidas Colección Aprendizaje*, ÁLVAREZ, A. & DEL RIO, Pablo (orgs) Volumen I. Colección Aprendizaje. Volumen LXXIV, Tradução de José María Bravo. Madrid: Visor, 1997.
- VYGOTSKY, L. S. Pensamiento y Lenguaje. In: *Obras Escogidas II*. Colección Aprendizaje. ÁLVAREZ, A. & DEL RIO, Pablo (orgs) Volumen XCIV, Tradução de José María Bravo. Madrid: Visor, 1993. 1<sup>a</sup> Edição, 1934.
- VYGOTSKY, L. S. História del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: *Obras Escogidas III*. Colección Aprendizaje, ÁLVAREZ, A. & DEL RIO, Pablo (orgs.), Volumen CXV, Tradução de José María Bravo. Madrid: Visor, 1995. 1<sup>a</sup> Edição, 1931.



- VYGOTSKY, L. S. & LURIA, A. R. Tool and symbol in child development. In: VAN DER VEER, R. & VALSINER *Vygotsky Reader*. New York: Blackwell, pp.100 – 174, 1994.
- WELLS, Gordon. Making meaning with text: a genetic approach to the mediating role of writing in activity. Ontário Institute for Studies in education. 20 pgs, 1999. Internet.
- WERTSCH, J. ; DEL RIO, Pablo & ALVAREZ, Amélia (eds.) *Sociocultural Studies of Mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- WERTSCH, James V. *Vygotsky y la formación de la mente*. Cognición y desarrollo humano, Barcelona: Paidós, 1988.
- WERTSCH, James V.. *Voces de la Mente: Un enfoque sociocultural para el estudio de la Acción Mediada*. Aprendizaje, Madrid: Visor, 1993. Tradução de Adriana Silvestri, 1991.
- \_\_\_\_\_. The role of abstract rationality in Vygotsky's image of mind. In: Vonèche J. (Ed.) *The social genesis of thought: Piaget/ Vygotsky*. Hillsdale N.J.: Laurence Erlbaum, 1996.
- \_\_\_\_\_.(Ed.) *Culture, communication and cognition: Vygotskian perspectives*. New York: Cambridge University Press,1985.
- WUNDT, W. *Elementos de Psicología de los Pueblos*. Tradução de Santos Rubiano. Madrid, Daniel Jorro, 1928.